



QUADRO II

da aranha
assassinai!...
na
teia
desespe-
radamente
se debatendo
segundos depois,
- e,
Nelsinho
entra...
a travestida, orraí,
abre as pernas,
(o Trevisan
escreve/vendo...),
na noite fria
de Curitiba
UM VAMPIRO EM APUROS

QUADRO I

UM VAMPIRO EM APUROS

Bom partir

O que dizer?
Só
sinto que a conversa sufoca meu
esforço,
eu me calo.
Respiro melhor.
Apesar de ficar afogado em sapos.
Os olhos reviram o foco,
tornam-se suspeitos.
E a previsão de chuva aumenta a cada
[invertibrado que eu engulo.
Meus ouvidos sentem-se magoados.
A tentativa de lhe dizer,
enquanto fico calado,
é uma enchente.
Tenha em mente.
Odeio ser a sua metáfora ou personagem.
Essa é a parte de mim que é cruel contigo.
Essa é a minha versão de você,
enquanto eu tento não reparar.
Essa é a mentira.
Não se iluda com isso.
Já te acabei.
Por agora.
Hora.
Hoje.

Amplitude

Afortunados olham o céu nublado
Descobrem uma estrela
Mesmo com os olhos cansados
Resignados aceitam a opinião do outro
Mesmo corretos
E o outro errado
Após o frio e a tempestade
Brilha o horizonte
Aberto para decolagens
A longa viagem
Diária
Estradas convergentes
Amores
Amigos
Parentes
Serpentes sem veneno
Não há aqui
E muito menos no paraíso.

QUADRO III

QUADRO IV

A Um Conto - Revista de Literatura veio suprir uma necessidade de difundir a literatura que vem sendo produzida dentro e fora do meio acadêmico. Pelo seu caráter colaborativo, torna-se um eficaz veículo de publicação de novos autores (de todo o Brasil) de forma independente e criativa. Livre de amarras, pretensões, e sem fins lucrativos, a Um Conto é vendida apenas para sua auto-sustentação. Caso o valor das vendas ultrapasse o dos gastos, este será dividido igualmente entre todos os colaboradores do mês referente.

UMA FOLHA. UMA IDEIA. UM CONTO. ALGUMA LITERATURA.

UM BLOG: revistaumconto.wordpress.com

UM FACEBOOK: [facebook.com/umconto](https://www.facebook.com/umconto)

UM TWITTER: @um_conto

Quer colaborar?
Mande sua contribuição para:
revistaumconto@gmail.com



CREATIVE COMMONS

"A reprodução e difusão total ou parcial dessa obra é encorajada."



Ano I Edição 07 Abril 2012

UM CONTO

Revista de Literatura

QUADRO V

intervalo

encostado
o gosto
amargo
do muro
de pedra
fincado
nas marcas
da pele
do homem
dobrado
estilhaço
correndo
nas veias
o tiro
velado
na dor
que não viram
na última
noite
[pausa pro trago]

em março

esse rio que corre
e deborda das margens
a água que escorre
a despeito da vida
que sempre
seca]
roupa branca
a onda vindo para ser saltada
e aquela
puta vontade de se afogar.

QUADRO VI

Fogo do artifício

Estrelas de plástico não guiam ninguém
a terra é distante
e as réguas são lisas na eternidade.
Azul consigo mesmo
se mescla
o desespero das quatro direções
inundadas
é preciso saber quando
parar de nadar,
repetir indefinidamente o mesmo movimento
roupa branca
a onda vindo para ser saltada
e aquela
puta vontade de se afogar.

Ímpar

Colocando um ponto final no texto que, com muito custo, consegui enfim digitar, esqueço as mãos sobre o teclado do computador sentindo a autêntica frustração de quem reconhece não ter dito nem metade do que era necessário dizer. São três horas da manhã, já me acostumei com a madrugada, mas ainda me sobressalto com alguns pequenos ruídos dos apartamentos vizinhos, como o de alguém tossindo no andar superior. Relendo as frases, construídas ali como uma última tentativa de entender coisas para as quais não há explicação, concluo, não pela primeira vez, que escrever sobre tudo aquilo é trabalho inútil. Usar a literatura como terapia barata só piora as coisas, e em dois sentidos: a) acabo por achar detrás de eventos bobos e despojados de qualquer sentido um significado que transcende qualquer realidade admissível; b) por ser impossível se distanciar dos acontecimentos e de suas consequências, analisar as circunstâncias passadas é quase atravessar, voluntariamente, todo aquele inferno mais uma vez. E se nenhuma metáfora bem construída e nenhum brilhante encadeamento de frases poderá mudar o efeito arrasador daquilo tudo, é melhor guardar as palavras para o que um dia merecer de fato ser escrito.

Desligo o computador e, por pura distração, procuro o controle remoto. Ligo a televisão apenas para ouvir algum som. Qualquer um. Tento prestar atenção em um filme, mas de repente tenho a sensação de que nada daquilo faz sentido. Não só o filme, um filme que poderia ser esse ou qualquer outro, mas absolutamente nada. Não faz sentido estar aqui, na minha casa, no meio da madrugada, repassando mais uma vez na minha cabeça todos os detalhes daquela imprevista verdade. Sim, verdade, uma vez que aconteceu. E se tudo aquilo não foi só um sonho surreal (e não foi), e se tudo aquilo não foi só um engano devastador (e não foi), se não foi só um desvio momentâneo (e não foi), não há mesmo sentido em mais nada que tenha vindo depois.

Sei que preciso parar de pensar. Parar de tentar entender. Não há entendimento possível, não há possibilidade de explicação. Fecho os olhos, procurando o sono que demora a vir. E misturados às vozes dos atores do filme, ainda escuto alguns dos meus próprios pensamentos soltos, desatados e estranhamente persuasivos. E todos eles dizem a mesma coisa: *é preciso aceitar*. No entremeio da vigília, do sono e dos sonhos, ainda julgo ouvir algumas palavras, não sei se de condenação ou de consolo, até que finalmente durmo, tentando me convencer de que deve existir algum lado bom em ter sido a última mulher da vida dela.

CONTISTAS

Conto: Laura Assis

Quadro I: Helio Sena

Quadro II: Anna Mancini

Quadro III: Alam Arezi

Quadro IV: Anderson Pires

Quadro V: Lidiane Lobo

Quadro VI: Adriano Scandolara